

A LONGA GUERRA E UM VERÃO ESCALDANTE PROSSEGUEM

Por Gabriel Camilli*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

Em meio à escalada de conflitos globais, a guerra na Ucrânia revela a regeneração militar russa e os crescentes desafios ucranianos, agravados pela suspensão de apoio dos EUA.

“Há muito tempo, observei que o mundo caminhava inexoravelmente para uma onda de conflitos militares, ameaçando escalar para uma terceira guerra termonuclear mundial, com alta probabilidade de aniquilar a civilização humana.” Sergei Karaganov.

Essa frase ficou pairando no ar nas últimas semanas. Na frente europeia, a longa e irrestrita guerra de atrito continua.

Como resumo dos últimos eventos operacionais no campo de batalha, recorreremos ao resumo sério e profissional (um dos poucos que existem) do coronel (R) J. F. Duran:

Situação Operacional: “A Rússia mantém seu Esforço Operacional Ofensivo Principal na direção de Pokrovsk (com um ataque principal do sudeste e um ataque secundário do leste pelo Comando Operacional Central para cortar as comunicações ucranianas com Pokrovsk, provavelmente em Mezhova, e também para poder interditar o nó logístico de Pavlogrado pelo fogo) e este Esforço Operacional Principal é apoiado por Esforços Operacionais Secundários do Comando Operacional Oriental do Sul, atacando na direção de Hulyaipole para proteger o flanco sul do Esforço Operacional Principal. O

Comando Operacional Sul tem quatro eixos de avanço, um na direção de Dobropilla – Kramatorsk; outro Chasov Yar – Konstantinivka; o terceiro Toretsk-Konstantinivka e o quarto Siversk-Slavyansk, constituindo um Esforço Operacional Ofensivo Secundário para proteger o Esforço Operacional Principal na direção de Pokrovsk dos contra-ataques que o ucranianos poderiam lançar de Kramatorsk-Slavyansk.

“Além disso, este Esforço Operacional Principal é apoiado pelos Esforços Operacionais Secundários Ofensivos em Kupyansk-Lyman e Sumy; e Esforços Operacionais Secundários Defensivos em Belgorod e Zaporizhia-Kherson. O Esforço Operacional Secundário Naval, no qual a Rússia disputa o controle do noroeste do Mar Negro e executa fogos operacionais a partir do Mar Negro com duas Forças-Tarefa Navais de seis e quatro navios, e executa operações especiais aeronavais na área das plataformas de petróleo no noroeste do Mar Negro.

“No Domínio Aeroespacial: A Rússia está desenvolvendo uma Contraofensiva Aérea a leste do Dnieper e em Kursk, destruindo sistemas de defesa aérea, bases aéreas e aeronaves, alcançando superioridade aérea nessa área enquanto disputa a mesma a oeste do rio acima mencionado. Por outro lado, os elementos aeroespaciais designados para os comandos operacionais executam o Apoio de Fogo Aéreo Aproximado (CAS) e a Interdição Aérea Tática (TAI). Tudo isso apoiado por fogos operacionais, com o propósito de isolar o campo de combate atacando concentrações de tropas fora da zona de combate do Teatro de Operações, infraestrutura ferroviária, bases aéreas, infraestrutura energética e indústrias de defesa.”

Acrescentamos algumas considerações que raramente são mencionadas em análises tendenciosas do atlantismo:

- Após três anos e meio de guerra, as reservas russas estão sendo renovadas, enquanto as ucranianas estão diminuindo significativamente. Ambos tentam conservar material. A produção na Rússia está a todo vapor, e o Kremlin está investindo maciçamente e cada vez mais na economia de guerra. Segundo estimativas, a Rússia produz 1.200 tanques por ano; Entre 80% e 90% vêm do antigo arsenal soviético, que está sendo reparado, mas novos também estão sendo produzidos. Além disso, 1.200 veículos de combate de infantaria e até 1.500 veículos blindados de transporte de pessoal são adicionados anualmente. Esses números são muito altos.
- De acordo com vários relatos recentes, incluindo algumas explicações do secretário-geral da OTAN e do inspetor-geral da Bundeswehr, as forças armadas russas estão se regenerando. Em fontes públicas, lemos: *“De acordo com a inteligência ucraniana, a indústria de armamentos russa pode atualmente produzir até 200 foguetes e mísseis de cruzeiro por mês. A produção de mísseis Iskander está aumentando, assim como a dos grandes drones de combate Geran-2. Os ataques aéreos aumentaram drasticamente em junho. Em 23 de junho, 368 drones, mísseis de cruzeiro e foguetes foram implantados; em 27 de junho, 371; e em 28 de junho, o maior número absoluto até o momento: 537, dos quais 60 eram apenas mísseis de cruzeiro e foguetes.”*
- Como tentamos explicar muitas vezes nesta coluna semanal, a abordagem russa à guerra é bem diferente daquela apresentada pelas doutrinas ocidentais. Os estrategistas militares russos do passado ainda são estudados e influenciam a liderança e a conduta operacional hoje. Por exemplo, o teórico militar russo Alexander Svechin, ainda muito respeitado na Rússia, declarou: *“Se não conseguirmos desferir o golpe decisivo no início da guerra, recorreremos a uma guerra de atrito. Com nossos*

recursos humanos, nossa capacidade industrial e nossa capacidade de nos abastecermos com material e forças armadas, podemos esmagar qualquer adversário a longo prazo.”

ÚLTIMAS NOTÍCIAS DA FRENTE UCRANIANA

O presidente Zelensky acaba de assinar um decreto retirando seu país da Convenção de Ottawa, que proíbe o uso, produção e armazenamento de minas antipessoal. A Ucrânia junta-se assim à Estônia, Letônia, Polônia e Finlândia, que recentemente se retiraram da Convenção e, claro, aos Estados Unidos e à Rússia, que nunca a assinaram.

Voltando ao que aconteceu há alguns dias: os russos, avançando no setor sudeste da frente, ocuparam o maior depósito de lítio da Ucrânia, Shevchenko, que supostamente está incluído no acordo que Zelensky assinou com Donald Trump. O pior é que Shevchenko é uma das três direções em que as tropas russas estão penetrando nas defesas ucranianas.

Poucas horas depois, começaram a circular rumores nos círculos parlamentares de Kiev sobre a iminente demissão do ministro da Defesa, Rustam Umerov (que seria substituído por seu vice, Sergei Boev), bem como de Oleksandr Syrsky, comandante-chefe das tropas ucranianas, que por sua vez seria substituído pelo chefe do Estado-Maior, Andrei Gnatov. Uma variante desses rumores sustenta que Umerov ainda está sendo demitido, mas em favor de Vasyl Malyuk, o atual chefe do SBU, mentor do golpe audacioso contra os aeroportos militares russos. Nessa variante, de acordo com vazamentos de Kiev, Umerov seria enviado como embaixador aos Estados Unidos. Um exílio dourado no estilo de Valerij Zaluzhny.

Mais alguns dados devem ser adicionados. Os bombardeios russos em cidades e indústrias ucranianas estão se tornando mais frequentes, maciços e devastadores. Milhares e milhares de tropas russas estão concentradas em cidades ucranianas como Sumy (no norte) ou Pokrovsk (no sul).

Em um mundo normal, as pessoas comuns só chegariam a uma conclusão: a Ucrânia está perdendo a guerra. Está perdendo terreno, perdendo o controle de seu espaço aéreo, tentando deter a infantaria russa até mesmo com minas antipessoal e tentando, agora com algum desespero, substituir homens no topo das forças armadas na esperança de encontrar alguém com uma boa ideia. E enquanto tudo isso acontece, o *Financial Times*, e certamente não o *Pravda*, escreve que diplomatas e autoridades ucranianas estão cada vez mais instando, em particular, os políticos ocidentais a chegarem a um cessar-fogo.

De uma perspectiva militar prática e operacional, a Ucrânia deveria reverter isso com uma ofensiva poderosa. Mas... para lançar uma ofensiva, o Exército ucraniano teria que alcançar superioridade, pelo menos regionalmente, em um setor da frente, em uma proporção de pelo menos 3 para 1. (acreditamos que deveria ser ainda maior). E só então os russos puderam ser repelidos. Mas está longe disso.

No entanto, vários meios de comunicação e muitos “especialistas” continuam nos dizendo que os russos estão à beira do colapso, que não aguentam mais.

Como Zelensky diz em todas as suas entrevistas: “*Eles precisam de uma pausa para se recuperar.*” E, como escrevem nossos ilustres analistas, alimentados pelos serviços secretos e pela propaganda ucraniana, eles estão perdendo 1.300 homens por dia. O que equivale a cerca de 40.000 homens por mês. Não é crível, considerando que os russos estão na ofensiva há mais de um ano, o que significa mais de 500.000 homens.

Em suma, e infelizmente para a Ucrânia, é um conto de fadas. Enquanto isso, nas últimas semanas, o que vimos foi isto: os russos devolveram os corpos de mais de 6.000 soldados ucranianos mortos, enquanto os ucranianos devolveram 57 russos. E Vladimir Putin afirmou ter pelo menos outros 3.000 à sua disposição.

A ÚLTIMA BOMBA DE TRUMP!

De acordo com a *BBC News* de 2 de julho de 2025: “*Os Estados Unidos suspenderam alguns envios de armas para a Ucrânia enquanto a guerra com a Rússia contra Kiev se intensifica.*” A decisão foi tomada “*para priorizar os interesses dos EUA*” após uma revisão do Departamento de Defesa sobre “*o apoio e a assistência militar dos EUA a outros países*”, disse a porta-voz da Casa Branca, Anna Kelly, na terça-feira.

Os Estados Unidos enviaram dezenas de bilhões de dólares em ajuda militar à Ucrânia desde que a Rússia lançou sua invasão em grande escala em fevereiro de 2022, levando alguns membros do governo Trump a expressarem preocupação com a escassez de estoques americanos.

Isso tem alguma relação com a guerra no Oriente Médio? Pode haver competição por recursos (sempre finitos)? Existem dados concretos:

- As contas de munição dos EUA e seus aliados estão no vermelho.
- Há armas suficientes para abastecer a Ucrânia e Israel?
- Israel sem dúvida terá prioridade.
- Erosão direta das defesas ucranianas.

Como conclusão final e triste: parece cada vez mais claro para nós que a Europa não está armando ou financiando a Ucrânia para defendê-la, mas para se defender, para encontrar nesta batalha, sofrida e lutada por outros, um significado que teme ter sido perdido.

Publicado no [La Prensa](#).

**Gabriel Camilli é coronel da reserva do Exército Argentino, formado Oficial de Infantaria pelo Colégio Militar de La Nación. Além de mestre em Assuntos Militares pela Universidade do Norte, possui licenciatura em Relações Públicas e Institucionais pela UADE. Fluente em inglês e italiano e com boa comunicação em alemão, possui ampla experiência, tendo participado ativamente em mediações e negociações no âmbito da ONU, além de atuar como representante da Argentina junto a missões diplomáticas e negociações entre empresas alemãs, suecas e austríacas. Atualmente é diretor do Instituto ELEVAN.*
